

Entrevista com Martha Janete dos Santos. Dia: 16/02/23

Local da entrevista: Sua residência em Rua Capitão Damasceno 175, apto 501.

Entrevistadores: Nathalia Knopp Ferreira

Vídeo e áudio: Luciane Chagas Brasil e André Amorim.

Luciane Chagas Brasil: gravação martha dia 16 de fevereiro de 2023... gravando

Nathália Knopp Ferreira: bom dia, sou Nathália!

Martha Janete dos Santos: bom dia!

NKF: eu queria começar a entrevista, pedindo pra senhora falar seu nome, a idade e o local de nascimento.

MJS: acabou? Desligou? Então tá gravando, né????

MJS: de novo, vambora!

NKF: tá... Vamos lá!

Queria começar agradecendo essa oportunidade de estar dando entrevista com a senhora...ehhh... eu queria começar com uma espécie de conversa mesmo, uma coisa mais tranquila...

MJS:.. Mais informal...

NKF: é...e também pedir pra senhora falar o seu nome, idade e o local onde a senhora nasceu.

MJS: bom... é... meu nome é martha com th, janete dos santos... eu tenho...vou fazer 63 anos agora, 19 de abril e eu nasci, nasci mesmo, em niterói e vim... ser cidadã de Duque de Caxias com três anos de idade e tô até então, entendeu? Mas nasci em niterói ,sim!

NKF: me conta um pouquinho mais como foi a infância aqui em Duque de Caxias, na Vila Operária... uma lembrança que a senhora tem, assim marcante...

MJS: então, amor... a infância, assim...é uma infância de muita dificuldade... não é uma infância que a gente diz que vai deixar saudade, não. É uma infância onde minha mãe tinha dez filhos, né? E eu , a terceira mais velha... a minha irmã mais velha tinha que trabalhar em casa de família, o meu irmão também trabalhava e eu tinha que ser a dona da casa... literalmente como a Martha da bíblia, né? Que tomava conta da casa... então, eu tinha que tomar conta dos meus irmãos, fazer aquela comidinha quando tinha, e uma dificuldade muito grande.

E a gente na infância, não tínhamos... nós não tínhamos assim... natal, ano novo, aniversário, por causa do número grande de filhos e da dificuldade financeira, mas apesar disso, era uma época que a gente tinha, assim...quando ia no mercado, na padaria, a gente conseguia ganhar

um pão duro...conseguia ir no açougue e ganhar um ovinho quebrado...qualquer coisa que nos alimentasse... hoje eles vendem tudo isso... pé de galinha...coisa... e não facilita muito não, mas antigamente a gente tinha muita dificuldade que você nem imagina. Aí, a gente não tem muita saudade da infância não... entendeu?

NKF: sim... a senhora lembra como era a questão de água, luz lá na vila?

MJS: então... água, luz... água, de início, o esgoto era a céu aberto, aqueles valões quando nós éramos pequenas e a rua não era asfaltada, aquela coisa toda e tudo mais... e depois de um tempinho, as coisas foram melhorando politicamente... veio água... nós tínhamos... temos até hoje, na minha mãe... era o poço artesiano e a água não era vinda... potável... era do poço artesiano e a gente ficou lá, sobrevivendo desse jeito.

NKF: sim... a casa da senhora, ela sofreu... passou por muitas obras? Como ela era assim... quantos cômodos?

MJS: passou... passou...quando nós éramos muito pequenas, a casa da minha mãe... a minha mãe, ela trabalhava como... no... no hospital, né? E então a gente ficava praticamente, sozinhos em casa... eu tinha que cuidar dos meus irmãos, aquela coisa toda, pequeninhos... e a casa foi ampliando, assim... gradativamente, né?... um pouquinho de obra aqui, um puxadinho ali, outro puxadinho ali... tanto é que hoje a casa da minha mãe, são cinco cômodos! Que foi fazendo um em cima do outro... diz minha mãe... pela vontade da minha mãe seriam dez... que todos morassem ali... morássemos ali e ficássemos... junto com ela.

NKF: Como que foi essa...essa (inaudível)

MJS: era muito complicado... realmente! Pra muita gente, né? E a gente ia fazendo minha mãe ia fazendo aos poucos... e aquela facilidade de material... fazia aquele... no caderninho... vende areia, vende coisa... e minha mãe tinha essa coisa toda! E minha mãe também era muito política no lugar onde morava, minha mãe tinha uma vida social muito grande na comunidade... e ela além disso ela ajudava muita gente. Vira e mexia, quando alguém...(tosse) brigava... desculpa! Quando alguém, brigava em casa... marido batia numa mulher, que a mulher vinha com aqueles filhos, eles ficam tudo lá em casa, comendo também e dormia todo mundo no chão... minha mãe acolhia todo mundo... então minha mãe era

tipo... serviço social da comunidade, entendeu? Desse jeito. E a gente convivia com aquilo ali tudo... de boa, de boa.

NKF: e os vizinhos também ajudaram muito na questão da obra?

MJS: não... não... não. Não ajudavam não. Na questão da obra não. Não, não ajudava não. Os vizinhos até ajudavam assim, alguma coisa de comer... alguma coisa... de obra não, de obra não... mas nós ganhávamos, eu me lembro que quando nós ganhávamos uma roupa usada, era tudo de bom. Ainda mais se tivesse semi-nova, que deixasse a gente bonita... a gente era uma felicidade tamanha, né? E a gente não tinha essa coisa, então os vizinhos, às vezes, davam. Doavam roupa... alguma coisa nesse sentido. Comida muito pouco... muito pouco e obra também! Minha mãe ia fazendo aos poucos... com a minha irmã trabalhando também aí foi melhorando, entendeu?

NKF: assim... em casa, nos espaços de casa, como que era dividido? As meninas dormiam em um lugar e os meninos dormiam em outro?

MJS: não... não... olha só!!! A minha mãe, ela ensinava... nos ensinava que todo mundo tinha que dormir todo mundo ali. Então nós não tínhamos esse negócio de camisola...roupinha de menina, não! Era short e blusa e dormia todo mundo junto! Entendeu? Menina sempre de short e blusa. A gente não dormia de vestido, de...nada... de saia, nada... era short e blusa... que é pra não haver nada, né?... nada que fosse desabonar nossa moral ali, porque a gente tava todo mundo ali junto, né? E era desse jeito.

Natália e como que era a relação... assim entre os irmãos, entre a família um com o outro? Tinha muita briga ou todo mundo se dava bem?

MJS: tem... tem briga sim! Não vou dizer pra você que era um mar de rosas que não era não! Que tem briga sim... sempre tem uma briguinha... ahhh pegou minha roupa, pegou meu short, pegou meu brinquedo... sempre tem! Mas era assim... nós somos irmãos que assim... se um tivesse triste, a gente era todo mundo...se um tivesse um problema, estava doente, ficava todo mundo ali! Tanto é que teve uma ocasião quando eu era pequena, eu tinha onze anos, eu fui atropelada... e eu que cuidava da casa, imagina? Eu ser atropelada, eu ficar esbodegada no hospital e voltar pra casa quase um ano depois, porque eu esfacelei fêmur,

crânio... meus irmãos ficaram assim...doido, meus irmãos iam morrer... eles ficaram muito desesperados, entendeu? Então a gente tinha essa coisa de não querer perder o outro... mas brigava sim! (risos).

NKF: e com os moradores? Vocês tinham muitos amigos?

MJS: é... os moradores... tínhamos sim... os moradores gostavam muito da gente... eh... sempre fazíamos parte das festas juninas, festas de rua...as festinhas... que na época...religiosa... Cosme e Damião... havia muito... me lembro que muita festa de ...de centro. Então aquelas festinhas de centro que hoje ninguém da minha casa é espírita, nem nada disso, mas ela nos beneficiava, com quê? Com a alimentação! Os pãezinhos, os bolos, os doces... que tudo aquilo que eles distribuíam, matava nossa fome...então tudo aquilo era muito bom pra gente e a gente gostava de ir. Claro!

NKF: a gente soube da questão de uma igreja, que tinha... católica.

MJS: tinha... em frente a minha casa!

NKF: você pode falar um pouquinho dela?

MJS: essa igreja, ela não tinha...a igreja, ela surgiu de uma fatalidade muito triste... era uma cabeleireira que morava ali e ela... o filho dela envolvido na droga lá na comunidade... e ele era até da... já era PQD, paraquedista! E ele... assassinou a mãe dele! E aí aquela casa ali ficou ali daquele jeito e eles... ninguém queria comprar... aí fizeram a igreja, nossa senhora da aparecida, e a igreja, a gente ficou participando toda... toda a igreja e a igreja ajudava... tinham aquelas comidas... ajudava sim.

NKF: eventos???

MJS: eventos... sim... (frase inaudível)

NKF: tinha bastante centro também naquela época?

MJS: muito! Muito mais do que igreja! Impressionante! Hoje, você não vê nada disso... a maioria, nem católicos são mais. São evangélicos! A gente vê essa... observação... mas todos que eu conheci lá, que tinha centro, que tinha isso... até minha irmã chegou botar roupa, porque falou que tinha que botar roupa... e eu me lembro que uma senhora falou assim: “você é muito bonita, você tem cigana... você tem que botar roupa”. Eu digo: “eu não... não vou botar roupa não que eu tenho medo”. Eu tinha medo...e eu até hoje tenho medo de tudo... eu tenho medo de alma, eu tenho medo de defunto, eu tenho medo de tudo então eu também tinha medo daquele negócio de espírito, né? Então... morria de medo! Mas assim... muito centro!

NKF: e as pessoas frequentavam muito ou era mais ligado à igreja, assim? Tinha essa divisão ou as pessoas se respeitavam?

MJS: não tinha divisão, não!! Depois, quando a igreja veio, as pessoas foram se dividindo, porque começou vir também... aqueles... missionários. Não era nem pastor! São missionários que colocavam aqueles palanquinhos ali e aí fica aquele pessoal que era espírita... porque muita gente passava muito aperto, mas aquela religião não resolvia o problema deles...e se sentiam poderosos naquela palavra dos missionários na praça... e aí ficou dividido entre os missionários...espírita foi diminuindo... tanto é que hoje, se você chegar numa comunidade dessas, você não vai ver ninguém dando doce... ninguém distribuindo nada... porque não existe mais! Ninguém... eu não sei se desacreditou... os valores mudaram! Na realidade, muita gente ficou evangélica e outros católicos... muitos... muitos católicos! Mas uma maioria evangélica!

NKF: a sua família, ela ia muito à igreja? Participava muito dos eventos?

MJS: aí é que está! É... é aí é que está? Nós, lá em casa... na minha mãe... nós não tivemos uma educação religiosa. Como assim? Aquela educação de você ter que ir pra igreja, temer a deus ou ir à igreja católica ou à igreja...ou a ...

NKF: protestante?

MJS: protestante... ou ao missionário... nós tínhamos uma... assim... minha mãe, eu não sei se ela não acreditava, mas minha mãe, ela... era um pouco de tudo! Tanto ela gostava do...do

espiritismo, como ela gostava do coisa.. Tanto é que hoje ela faleceu já, evangélica! Eu ainda não...minha irmã já é evangélica, outro já é... eu ainda não! Mas naquela época, nós não tínhamos uma...educação, obrigatoriamente... a gente não tinha... pra gente reconhecer... quando a gente fala pai, a gente não consegue associar a palavra pai... deus, nem à pai... pai, porque nós fomos criados sem pai. Então a gente não tem aquele... aquele elo... a gente acredita sim... hoje a gente tem um outro conhecimento, a gente tem fé... mas a gente... dentro da gente, a gente não tem aquela coisa que a mãe já vai direcionando... uma missa... isso... aquela... educação religiosa... não!

NKF: entendi! Ehhh... assim... todo mundo conhece,né? Sr. Barbosa porque ele foi uma das pessoas que começaram a fundar, né? A vila...

MJS: sim.. Sim..

NKF: queria que a senhora falasse um pouquinho dele, como pessoa, a lembrança que a senhora tem...

MJS: ehh... olha só...ehh... eu tenho lembranças boas dele, muito boas dele, mas também tenho lembranças não tão boas! Vou dizer as boas primeiro, depois eu digo as não tão boas. Ele foi um homem que tinha uma visão política, então ele fez aquela vila operária, ele separou... ele e mais outros lá...fez um... como que eu vou te falar...

Fez um loteamento, né? E pedia para que aquelas pessoas não avançassem as ruas para que não virasse a favela, que é hoje! “ oh, não vire favela! Deixe o espaço do carro... espaço pra isso... espaço pra calçada! A casa de vocês é essa daqui!” Então, eles demarcaram, sem ele ter engenharia, eles também não tinham, na época,e fizeram isso... e distribuiu pra população, né? E... a gente não ficou com o filé mignon, não... deveria ficar com a melhor... pedaço dali, porque minha mãe... ele estava com a minha mãe.. Ele era nosso padrasto... ele era nosso padrasto, então a gente devia ter o que? O melhor terrenão. Até o pedacinho que minha mãe tem hoje lá, se você vir, é com escritura e pago.

NKF: uhum... eu sei!

MJS: entendeu? E essa parte ruim, que eu achava ruim dele, é que ele deu muitas partes boas... daquele pessoal que mora lá em baixo...que mora ali... pegaram aquele o filé mignon, mas aí porquê? Ele tinha interesse na visão política...porquê minha mãe, ele não precisava do voto! Ele já tinha minha mãe, tinha a gente lá, mas aquele pessoal ele precisava agradar... politicamente, então ele dava o melhor, o filé mignon daquele momento...então...ehhh... essa era a parte ruim dele que eu não aceitava...porque eu acho que ele tinha que pensar na gente, na minha mãe, no futuro da gente, entendeu?

NKF: sim...até por estar junto, né?!

MJS: por estar junto... ele não foi... aí é que está! Eu não vou julgar porque a minha mãe que viveu com ele, mas ele não foi um bom companheiro para minha mãe, e porquê? Ele era um pouco opressor e... assim... como que eu vou falar para você? Ele era um pouco opressor porque ele queria que fizesse a vontade dele, com relação a gente também porque também ele tinha uma outra família... você entendeu?

NKF: sim...

MJS: então ele valorizava muito a outra família e a gente era assim...uma coisa muito secundária... e a gente sentia isso! A gente não tinha, assim... esse respeito. E naquela época era muito comum um homem agredir uma mulher. E não tinha esse negócio de denunciar!

NKF: graças a deus hoje está melhor, né?

MJS: é.. Mas a minha mãe já foi até agredida por ele, mas minha mãe gostava dele, entendeu? Até agredida nas nossas vistas.. E meus irmãos até ficavam meio que revoltados com ele. Mas ele tinha esse outro um lado bom para comunidade. Distribuía... ele quando era... ele chegou a ser vereador na câmara municipal. Distribuía emprego, distribuía cesta básica... e a gente passava necessidade amigas, nem emprego nós tivemos!

NKF: quem está dentro de casa, acaba conhecendo...o outro lado.

MJS: santo de casa não faz milagre! Eu sei que... minha mãe não gostaria que eu desse essa entrevista, mas eu também seria hipócrita de não falar a verdade! Tem o lado bom? Você vai

encontrar gente na vila operária que é deus no céu e barbosa na terra... é verdade! Ele ajudou muita gente? É verdade! Ele ajudou... eu só acho que quem ele tinha também que ter ajudado, ele não ajudou, entendeu? Mas que ele foi um homem bom... politicamente falando, sim! Companheiro e pai, não!

LCB: agora... só pra eu entender a divisão... quem são os filhos do barbosa, o nome dos filhos do barbosa e quem são os filhos...

MJS: então... minha mãe teve quatro filhos, que são o raldo, almir, roberto e raquel esses eram filhos dele e nós seis somos do meu pai. A gente acredita que meu pai... também devia ter outra família... a gente não sabe, porque a gente não sabe a história verdadeira do meu pai, entendeu? A gente acredita que ele... estava com a minha mãe... segundo eu acho, ele era marinheiro, a gente também não tem essa certeza com exatidão... não vou dizer pra você que era! E ... o que é que acontece... na época o meu pai... minha tia falou que quando esse meu padrasto ficou com a minha mãe, ele proibiu meu pai de ficar mantendo essa visita lá... e como meu padrasto ele andava em grupo... ou gangue... não sei qual termo usar, mas em grupo seja o mais correto... talvez tenha intimidado. Se isso foi verdade, também não sei! Pode ser lenda... também não posso falar o que não é verdade!

André Amorim: posso pegar um gancho rapidinho? Só pra você explicar um pouquinho mais martha, como foi a constituição da sua família. Eram quantas pessoas morando na casa? Quem eram os seus irmãos e se você chegou a ter contato com o pai, conhecê-lo e até quando? Olha, conheci meu pai com uns dois... vinte anos?

MJS: olha meu amor... eu não conheci meu pai... eu não conheci meu pai... é... eu conheci tão pequenininha, mas eu não sei te precisar a data, porque eu não me lembro nem do...

AA: rosto dele?

MJS: sim...sim...eu acredito que com menos de cinco. Porque com cinco, porque com cinco, você já tem uma... uma noção... disso.

AA: e você era a mais nova, você era...

MJS: terceira mais velha.

AA: ah...sim. E algum deles conheceu... chegou a ter relacionamento?

MJS: a minha irmã disse... minha irmã mais velha disse que conheceu! Que muito tempo depois apareceu um homem branco lá, dizendo que era o nosso pai... minha irmã! Ah... minha irmã eu vi meu pai... minha tia trouxe aqui... também não sei se ela viu. Não sei!

NKF: voltando um pouquinho... é... sobre a campanha... assim... a senhora tem alguma lembrança de como foi? A participação? Dos irmãos da senhora participarem?

MJS: é...campanha eleitoral...campanha eleitoral... não... todos nós participávamos. Nós éramos quase que obrigados, né. A gente distribuía papelzinho, a gente fazia as coisas na... lá em casa. Às vezes quando era feito lanche para distribuir para o pessoal que estava trabalhando... a gente trabalhava na campanha... nós trabalhávamos mesmo.

NKF: a senhora se lembra se tinha uma associação de moradores? Se sua mãe participava?

MJS: existiu uma associação que eles implantaram, lá... sim... muito boa...ele mesmo implantou, sr. Barbosa com a minha mãe, que numa casa lá embaixo... foi... não sei se foi comprada ou foi doada, uma ambulância... tinha até ambulância para atender a comunidade nessa associação que não era oficialmente realizada, mas ela era ali, a associação de moradores dali... assim!

Natália; lembra se tinha que contribuir, alguma coisa? Se tinha alguma carteirinha?

MJS: não... não. Dinheiro não. Eles faziam acho que cadastro. Contribuição nenhuma.

NKF: e eles fizeram alguma benfeitoria? Eles fizeram alguma mudança lá na vila? A partir da associação de moradores?

MJS: sim... eles conseguiram ambulância, conseguiram muitas coisas na época. Conseguiram solicitar iluminação pública... essas coisas. Quando era vala aberta, eles

conseguiram manilhamento junto com a prefeitura... aquelas coisas todas, entendeu? Que é saneamento básico, essas coisas!

NKF: a senhora se lembra de um programa de banco nacional de habitação?

MJS: não

NKF: programas como proface?

MJS: tinha coisas que a gente já não participava... entendeu? Eu acho que eu não me lembro.

NKF: cada família um lote, também? Que era dessa época, não?

MJS: éhh... eu não sei... se cada família um lote, se eles aproveitaram depois que liberaram os lotes, depois que aproveitaram esse gancho para poder localizar... mas eu me lembro que eles fizeram cada família um lote, foi no governo do prefeito hidekel, se eu não me engano, para que eles dessem título de propriedade a quem já estava residindo lá na comunidade. Que é o título de propriedade que eles fizeram para poder, ninguém tirar aquelas pessoas daquela época, porque, depois futuramente acho que apareceu o dono...alguma coisa!

NKF: mais pra questão de documentação, né?

Martha; também... para as pessoas poderem vender... aquela coisa toda!

NKF: a senhora se lembra se a casa de vocês tinha documentação?

MJS: tinha! Deixa eu falar... o que que acontece com a nossa casa... a gente não precisou desse título de propriedade, porque quando o dono apareceu, a minha mãe fez um acordo com ele, com o dono na época, antes da prefeitura desapropriar para poder dar título de propriedade, pagando mensalmente... minha mãe pagava, ela tem a escritura dele registrada em cartório...registrada... acho, se eu não me engano, é uma das únicas casas ali que tem escritura... pode pegar até...

NKF: do próprio dono?

MJS: sim, do próprio dono!

NKF: como que foi assim quando ele chegou?

MJS: a gente era pequeno... nós éramos pequenos, então a gente não acompanhou essa parte administrativa, mas eu me lembro que a minha mãe fazia um sacrifício danado para conseguir pagar aquelas cotinhas lá! Para poder ter aquele terreninho ali, entendeu? E até que ela finalizou a coisa e recebeu a escritura.

NKF: então a relação com ele foi tranquila assim... com o dono no caso?

MJS: na época foi, mas depois quando aconteceu isso, aí houve uma reviravolta, que houve essa desapropriação, aí o dono teve que ir direto na prefeitura e ficar lidando direto administrativamente com outros setores que já não foi a gente... mas a gente chegou a pagar a ele... tem até a escritura dele.

NKF: eh... queria saber um pouco mais assim sobre a sua vida... adolescência... como que foi envelhecer assim, na vila operária... envelhecer enquanto mulher?

MJS: eh... deixa eu te falar, foi assim... a minha vida passou um pouquinho rápido, deu uma aceleradinha porque devido a dificuldade, eu acabei... esquecendo de ser criança e quando eu virei adolescente eu logo tive que trabalhar para ajudar minha mãe e eu fui estudar, aí eu vim trabalhar... logo depois eu consegui entrar na prefeitura... para trabalhar na prefeitura, aí eu cismei... porque quando você começa a trabalhar num meio... com pessoas melhores que você... porque na comunidade, nem todo mundo é melhor que você... tá todo mundo no mesmo barco ou um pouquinho só melhor. E aí eu fui à um nível social melhor... eu queria uma vida melhor, então eu fui estudar... fui fazer.. Eu já com dezoito anos eu vim entrar na quarta série primária, entendeu? Porquê? Porque quando tinham aquelas escolinhas, elas não eram como hoje que o governo dá uniforme, dá rio card, dá até cesta básica... você pode até ir numa escola e a gente nem comida tinha e se não tivesse sapato, você não podia entrar na sala, se não tivesse a minha, se não tivesse o embleminha da escola e a gente tinha que comprar do bolso... e imagina a minha mãe com aqueles filhos todos, comprando um uniforme para cada um... então a gente nunca podia estudar! Então quando entrei na

prefeitura que na época o prefeito foi inaugurar a rua lá foi coronel américo, eu falei: “eu quero trabalhar lá na prefeitura”. Aí ele falou assim pra mim:” com esses olhos você vai ser minha secretária!” Aí eu falei: “ não brinca não... não brinca não que eu vou mesmo!” E ele falou:” então vai!” E fui lá na prefeitura procurar ele...”ah! A fila de emprego é aquela ali!” Uma fila enorme, para receber cartinhas para ir para as firmas. Aí eu fui lá,entrei na fila, peguei uma cartinha para apresentar em uma fábrica ali... na hora que eu vou saindo, o moço que estava com o prefeito inaugurando a rua... ele...” já falou com o prefeito?” Eu falei assim:” não, a moça me deu essa carta! ”não, mas o prefeito estava te esperando?!” Nossa, o prefeito me esperando... alguém lá de dentro... acho que por isso que a menina nem... né?... Aí fui... voltei com eles... doutor roberto felintro, me lembro o nome... do... meio gordinho. Aí voltei com ele e o prefeito pegou... que era coronel...ele olhou pra mim e falou: “edith!” Edith era subsecretária na época, doutora edith.... “olha só essa moça, eu queria ajudar a ela. Como é que a gente faz?”

Aí ela falou assim: é... faz uma cartinha dizendo porque que você quer o emprego. Ai gente , eu não sabia nem escrever direito, como é que eu ia fazer a carta??? Falei ai meu deus...eu fiquei nervosa, falei ai eu não vou conseguir nada... já estou com a outra cartinha da fábrica tá bom. Aí eu falei: doutora, eh..eu não estudei não, ainda vou estudar!

Aí ela: ah, mas o américo! O américo pra ela, né? O américo quer que eu te ajude. Você estudou até que ano? aí eu falei assim:” ah.. Eu acho que eu... até a terceira...”não tinha nem a quarta. Aí ela falou assim:” peraí um momentinho. Foi lá falou com ele, aí ele voltou e falou assim:” vem cá...eu vou botar você aqui como servente. Mas você não vai trabalhar como servente não... você vai estudar e cada diploma que você apresentar, eu vou mudar sua função, as você vai ter que fazer por onde. Eu falei:” tá bom! Eu aceito o desafio”. Aí fui pra casa, né? Aí ele chamou o homem do rh e falou assim:” contrata ela como servente, bota ela na sua sala, ensina a ela arquivinho, coloca ela na melhor escola, que era são jorge! Bota ela pra curso, eu quero ajudar essa menina! Prefeito falou...aí acho que foi deus não sei... mas estava lá! Aí fui amiga! Fui lá... aí o chefe do rh falou assim... eu não vou botar você naquela escola ali não! São jorge, não... porque ela é muito boa, mas você não tem tempo para isso... você vai estudar, vai fazer curso disso, fazer curso daquilo, curso daquilo outro e você vai estudar no roberto silveira... colégio estadual, porque lá é supletivo e você vai ter tempo de apresentar o diploma para dar tempo dele mudar sua função, senão ele sai daqui e não vai mudar sua função nunca e você vai ter que prestar concurso. Aí fui... estudei, estudei... apresentei diploma aí ele..pô, ele me mudou para... aí eu que ganhava um dinheirinho assim, ganhei um dinheirão assim.. Auxiliar de administração... aí, eu gostei de estudar, né? Aí ele

pegou e me falou assim, o chefe falou assim:” e agora você vai fazer o que?” Aí eu falei: “ ah... agora eu quero fazer o segundo grau! Fiz o segundo grau... ele falou:” você vai fazer o segundo grau? Vai fazer o que? Aí eu falei:” acho que eu vou fazer normal”. Aí continuei no roberto silveira... corri, só que quando eu tava terminando a faculdade, ele estava saindo... o prefeito... aí eu falei:” eu estou terminando e o senhor já está saindo. E...ele:” você termina quando? Eu falei: “ termino agora em dezembro”. Ele falou assim:” traz seu histórico aqui. Pede lá na coisa... aí eu levei o histórico, aí ele falou assim:” muda ela para oficial administrativo... (tosse). Falei :” o que que é? Eu não entendo nada, o que era oficial, o que não era, eu sabia que depois o meu salto... o salário foi melhor! Foi quando eu pude ajudar verdadeiramente a minha família... aos meus irmãos a estudar e minha mãe passou a ter uma vidinha melhor que eu pude ajudar a ela. E aí eu me incentivei em fazer faculdade, fui fazer letras e estudei, estudei, estudei... então como eu tinha que estudar, trabalhar e correr muito, eu também passei muito pouco tempo de... nesse patamar de...não deu pra fazer muita besteira na adolescência, eu tinha que estudar muito, entendeu? Então não deu pra eu ser a rebelde, a rainha do baile, porque eu tinha que estudar mesmo.

NKF: uma pergunta? A senhora tinha quantos anos quando procurou esse emprego, conseguiu, mais ou menos?

MJS: dezoito anos.

NKF: foi aí que a senhora estudou?

MJS: foi ali que eu comecei... comecei a corrida contra o tempo, amiga... e eu não tinha nem a terceira série com dezoito anos.

NKF: mas nessa parte antes da terceira série foi lá em uma escola na vila operária ou?

MJS: foi numa escola do lado da minha casa... aquela escola ali é quarta série.

NKF: mas foi na escola do seu barbosa?

MJS: ali...

Nathália: mas você lembra como era a escola, as professoras?

MJS: a escola tinha três comodinhos ali...três assim... mas assim, o que que acontecia ali? Eu não frequentava muito, porque mesmo sendo a escola...de conhecido, tinha que ter uniforme e minha mãe não podia comprar...eu faltava mais aula do que tudo, então eu não sabia nada... eu não conseguia ir pra aula. Eu não tinha lápis, eu não tinha o caderno, eu não tinha a blusa, então, eu tinha essa dificuldade. Tanto é que quando eu fui pra fazer a.... A.... No roberto silveira eu tive que fazer uma prova de admissão para fazer a quarta série primária, fiz é lá... entendeu? E eles me prepararam para fazer o primeiro grau dali. Tive dificuldade no primeiro grau? Tive... tive que fazer muita pesquisa, tinha que estudar muito para poder aprender porque eu não tinha bagagem.

NKF: quando a senhora procurou começar a estudar, você sente que sofreu algum tipo de preconceito? Ou alguém dando para trás sabe? Implicando?

MJS: sim...sim...sim. Quando eu comecei... quando eu comecei a estudar... os colegas também... as colegas também que queriam que eu fosse... falavam:”ah, vamos para o baile!” “ ah não vou não que eu tenho que estudar!” “não, mas livro não dá dinheiro... livro não dá isso, não dá aquilo! Tanta gente que é formada aí que tá desempregado!” Falava: “ não, mas eu preciso! Eu preciso estudar!” Tanto é que quando eu comecei estudar, eu não tinha... dinheiro às vezes... eu não tinha comida! Aí eu comi muitas vezes, minha comida era um saco de pipoca. Pipoca alimenta... sorte, né?

e eu ficava lá...aí depois quando eu já estava no segundo grau, que já estava ganhando bem... aí eu já... já tinha meu dinheirinho... aí eu já assumia as contas da casa...já comecei a trabalhar com administração de dinheiro, entendeu? A minha mãe pagava algumas contas com meus irmão... algumas coisas... aí meu irmão queria estudar e aí também meu irmão hoje fez... estudou...é...para advogado criminal e ele também fez contador... eu também ajudei muito meu irmão...quando era nova.

NKF: o nome dele...

MJS: Jorge... é... ajudei ele!

NKF: então a senhora acabou ficando, a partir dos dezoito assim, mais fora de casa, ne? Porque... estava estudando, trabalhando...

MJS: sim... mais fora de casa, mas aí, a partir dos dezoito, como nós somos todos escadinha, ele já não tinha necessidade de uma pessoa tanto...por que a diferença é um ano... se você ver... do meu irmão para minha irmã mais velha,um ano que eu...eu, um ano com a minha irmã! E sempre um ano, então a diferença é muito pequena e ela não contribuiu então o pessoal tinha como ficar sozinho.

LCB: você lembra o nome do prefeito que era da época?

MJS: coronel américo... coronel américo! Eu não posso nunca esquecer, porque foi a pessoa que deu oportunidade na vida... e ele, quando me deu essa oportunidade que ele falou assim**MJS:** eu quero ajudar dessa moça!” Foi uma coisa muito assim... e quando eu cheguei na prefeitura que ele não me recebeu... claro, a secretária não sabia que martha era eu! Até porque eu cheguei lá de sandália de dedo, coitada! Simplesinha! Ela não imaginava que a martha que ele estava esperando era eu..., um coronel! E até também eu não chamei ele de coronel, eu chamei ele de américo. “américo está me esperando!” “que américo?”... Porque eu não tinha nem a formação de tratamento adequada para lidar com autoridade.

NKF: a senhora falou dos seus amigos na época da adolescência, que tinha um pensamento diferente.

MJS: sim... tinha amigos... meus amigos tinham um pensamento diferente...eu tinha uma amiga que ela já faleceu, ela não está mais aí hoje... ela morreu até de covid, minha amiga... que a gente ia para o baile,ia para todo canto e ela falava:” ah, martha é intelectual, martha...entendeu, porque eu gostava de estudar, mas ela gostava de um birinight... e ela falava muito palavrão, mas eu gostava dela! Ela era uma pessoa que me fazia bem... ela, a mãe dela... eu gostava muito dela, então... a verinha e outras colegas mais... nós iam para o baile, namorávamos sim, claro e depois voltávamos para casa. E o bom, na comunidade ali ... eu era muito bonita! Eu era uma bonequinha... parecia uma boneca susi... o cabelão, magrinha, os olhos lindos... mas as pessoas me respeitavam, porque eu sempre nova, por ter uma responsabilidade cedo, eu adquiri aquele escudo da autodefesa. Quando a pessoa já vinha falar comigo, eu já olhava nos olhos e...”oi, pois não, o que é? Já intimidava, já me mantinha um pouco a distância das pessoas, entendeu? E quando eu comecei a namorar, eu não namorei ninguém da comunidade! Preconceito? Não! Não! Porque o que eu tinha...se..

Eu pensava assim... vera: mas, coisa o Edson é doido por você! Verinha eu não posso namorar ele porque depois eu não quero mais ele, ele vai ficar falando mal de mim aí! “ ah, eu fiz isso, eu fiz aquilo!” Não, não quero não! Então eu não namorava ninguém da minha faculdade, porque minha faculdade eu tinha que ter minha moral, lá em cima e minha comunidade onde eu moro também! Hoje em dia se eu me separasse eu jamais traria ninguém dentro do meu apartamento, porque eu tenho essa... eu acho que a moral... quando a pessoa tem moral, o respeito, ela tem tudo na vida! Se a mulher, ou ser humano, não tiver respeito ele não tem nada na vida! O respeito, eu prezava muito!

NKF: você lembra nessa época, se tinha muitos bailes, se as pessoas iam, se era dentro da comunidade ou se costumavam ir para outros bairros?

MJS: não! Os bailes que tinham, não eram muito dentro da comunidade não. Os bailes que tinham eram nos clubes específicos... clube dos 500, recreativo e um lá em cima chamado belém. Esse belém ,eu quase não ia porque era o chamado black power...na época dos blacks... aqueles blacks e era muito lá em cima.. Quando eu ia nos bailes, eu ia aqui no clube dos 500, recreativo e no... capri... capi... capri, aqui do outro lado... era aqui que íamos... e até os meus irmãos quando eles falavam.” eu vou para o baile!” Eu digo assim:” não, peraí”... Meu irmão não trabalhavam! Meus irmãos mais novos... eu falei assim: “ vou te dar o dinheiro da entrada do baile e o dinheiro da cerveja, você racha com os colegas. Não pula muro. Não quero ninguém apanhando para entrar em baile! Nem se vendendo para entrar em baile. Paga a entrada! Eu pagava para eles e ainda dava o dinheiro para rachar a cerveja. “mas você está dando dinheiro para a cerveja? Eu falava: mãe, se eu não der ele vai dar um jeito! Ele tem que tomar a cerveja! Mas racha, oh! Uma cerveja vai dar para mais gente, você racha e o outro racha! E eles iam...tanto é que hoje... eles não brigavam, eles iam meus irmãos estão todos ali. Se minha mãe tivesse na sala, todos reunidos, natal, ano novo... e um brincasse uma brincadeira desagradável um com o outro, eu só olhava assim eles falavam: vamos parar que minha irmã não está gostando. Se minha mãe f mandasse eles pararem, eles nem obedeciam tanto, mas a mim eles obedeciam.

NKF: você lembra se tinha muita briga?

MJS: briga... a briga que houve... tinha uma irmã que era muito geniosa e não se davam uma com a outra... brigavam, mas daqui a pouco... porque eu tinha uma irmã, célia! Ela era

assim... não é traíra não... ela era interesseira. A gente fazia umas coisas escondido, mas não podia fazer na frente dela, porque ela falava assim: ' acabou"! Qualquer coisa que você fizesse na vida, ela ficava assim:" se você não fizer isso eu vou contar que naquele dia... eu vou contar para minha mãe. Então ela ficava ameaçando a gente o tempo todo, um troço que... ela usava aquele deslize para uma série de aventuras que ela desejasse. Ela falava assim:" eu quero ir na rua!", aí eu: "não vai não!"

"ah! Se eu não for, vou contar para minha mãe que você beijou não sei quem"... Você entendeu> e ela ficava com aquele trunfo. E aí minha irmã não gostava, minha irmã metia-lhe a porrada, você entendeu? (risos)

LCB: a célia era mais nova?

MJS: era um pouco mais nova que a gente... não era a mais nova, mais nova!

NKF: hoje em dia não tem mais tanto,né desses bailes, não tem mais tanto o costume, não sei! A senhora viu essa mudança?

MJS: não... tem os bailes...eu acho que hoje em dia tem até mais bailes do que antes, por causa desses bailes funks. Os bailes funks da comunidade, tem muito mais que antes... não tinham! Eu acho que os bailes tem mais. Antigamente... tem mais bailes nos clubes, porque os bailes de rua tomaram força... então os bailes de rua, o que que acontece> você não precisa pagar o ingresso para estar lá... o baile é da rua! O pessoal vai ter o dinheiro para a cerveja, então foi perdendo a força desses bailes estratégicos. Sem contar que as pessoas não tinham o dinheiro para pagar e tinham que ficar pulando o muro e dava a brigalhada que dava! Entendeu? Baile funk dá brigalhada? Dá! Dá morte? Dá! Muito mais... muito mais do que esses! Entendeu? Mas eu acho que tem muito mais baile hoje!

NKF: a senhora acabou pegando uma parte de mudança, né? Desde a sua infância até a fase adulta.

MJS: toda! Toda!

NKF: essa época estava acontecendo algumas mudanças, né?

MJS: é.. Eu peguei a mutação...é.. Eu peguei a mutação da desvalorização dos bailes... quando foi... peguei a mutação religiosa que já te expliquei, depois peguei a mutação dos bailes que foram ...antes dos bailes ficou muito em moda o tal dos parquinhos, parquinho de diversão, chegava um circo, botava... os parquinhos... então o pessoal não ia para os bailes, ficavam nos parquinhos. Aí tinha aquela música, você pedia música, tinham aqueles joguinhos e aquela coisa toda! E depois sim que vieram os bailes...foram acontecendo os bailes e eles foram vindo, mas eu sempre fui uma pessoa muito medrosa, sempre fui medrosa. Quando eu tentava fazer meus irmãos não brigarem, eu sempre tive medo de agressão, eu não brigava com meus irmãos, meus irmãos, eles brigavam entre si, mas nunca eles nunca conseguiram brigar comigo porque eu não consigo... eu não brigo com ninguém.. Não é entre nós não! Nem no meu trabalho, nem na minha escola, eu não brigo com ninguém. Porquê? Eu tenho medo de agressão, eu não gosto de agressão... eu tenho horror a violência! Então...é... o que que acontece?eu tava falando até me perdi um pouquinho... no que eu estava falando...

NKF: estava falando que é contra briga...

MJS: então... por esse motivo que eu não ia aos bailes de rua! “ah... vamos ali ,martha! Vamos ficar no baile funk ali...” eu não ia, porque eu tenho medo, de baile de rua! De coisa! Mas.. Eu... engraçado... eu não ficava em baile funk , mas eu gostava de roda de pagode. A roda de pagode eu gostava!

NKF: e tinham muitas?

MJS: tinham! Tinham muitas rodas de pagode, que era chamada fundo de quintal... só que eles tinham em lugares... não era assim em qualquer lugar! Por exemplo, tinha uma roda de pagode aqui perto da afe, onde tinha a chamada trem das onze. Aí ficavam umas coisas assim, uns caras batendo tambor, cantando, a gente saia do trabalho e fica na roda de pagode. Acontecia briga? Acontecia! Acontecia tiro? Acontecia! Mas eu tinha medo! Entendeu? Mas eu ia. Mas quando era assim os bailes funks eu tinha mais medo, porque eu ouvia muito falar em corredor de.. Bate isso, bate aquilo! Como eu tenho medo da violência, esse negócio de corredor, amigo ! Eu estou fora! Tenho medo.

NKF: ainda assim, sobre um pouquinho da mudança...

MJS: é..também tenho medo de droga... eu sempre tive medo de drogas... entendeu?é.. Eu ficava com medo dos meus irmãos virarem viciados, eu ficava com medo de alguém me transformar em uma viciada... então o que que eu fazia? Eu tinha aquela preocupação que se eu estivesse bebendo, naquela latinha que eu abri, se eu deixasse ali, eu não bebia mais... eu jogava ela fora! Se alguém chegasse com uma cerveja aberta, eu também não bebia, por precaução.. Eu tinha isso.. Alguém me falou? Não! Eu fui criando assim porque eu via tantas história, tanta história policial, tanta coisa, que eu ficava com medo, e eu ficava falando para os meus irmãos “pelo amor de Deus, bebe mais não pega droga não”, mas assim.

MJS: na minha concepção a bebida não era droga, e eu hoje eu já tenho conhecimento que a bebida também é uma droga, a bebida principalmente, não a mim quando bebe social, mas para uma pessoa que bebe que é viciada, então eu não tinha esse conhecimento, eu incentivava os meus irmãos a beber, eu tive um irmão que quase ficou alcoólatra, ele apanhou na rua e tudo, ai aquilo doeu no meu coração porque eu lembrei que eu também incentivei ele a beber, porque eu falei “não, bebe mas não pega droga, bebe mais não pega droga” porque pra mim a bebida não era droga, não tinha esse conhecimento como droga, hoje eu tenho essa concepção que é uma droga, e que vicia tanto quanto e que destrói uma família tanto quanto outro vicio, seja de jogo, seja de vicio sexual, esses vícios que depois que comecei a estudar eu passei a ter conhecimento.

NKF: Essas pessoas que vieram lá da sua adolescência como eles estão hoje em dia? Eles estão bem? Estão trabalhando?

MJS: É com tristeza que eu falo isso, mas são poucos, pouquíssimos mesmo foram vitoriosos, muitos morreram amigas minhas viraram mulher de bandido se encheram de filhos, é até com tristeza que a gente fala isso né, muitas ficaram envolvidas na droga. Eu me lembro de um colega que estudou comigo ele falava assim “Martinha, tá indo pra casa? Vou te levar lá” as meninas falavam assim: “Vai não Marta” Eu perguntava “Por que não vou? É um conhecido que mora lá?” Dai falava “Mas ele é o dono da boca” Eu não tinha nem conhecimento que ele era o bandido porque pra mim, ele era o meu colega que estou lá comigo, dai eu falei assim “Vem cá, você tem certeza que você está nisso?” ai falei pra ele, ele dizia “Estou nada Martinha, eles que ficam nessa, mas não quer ir, não vou te forçar a ir não” ele nem insistiu porque ficou com medo de eu ficar perguntando e indagando a ele, entendeu? Dai ele morreu, é claro, mataram ele, e realmente ele era lá da boca e eu não sabia, ele

estudou comigo , e uma pessoa educadíssima, finíssima, você não diria que é uma pessoa que fazia tanta maldade lá.

NKF: Na época vocês acabavam vendo né? As outras pessoas...

MJS: De manhã quando você abria a porta eles diziam: “Tem uma cabeça lá na mesa de milhar no bar” uma pessoa foi dissipada, esse era o motivo de eu não deixar os meus irmãos se envolve na tal droga, eu deixava eles ali, tanto que esse meu irmão virou alcoólatra depois que ele e casou, mas deu trabalho, hoje em dia ele saiu, graças a Deus, hoje em dia é um excelente chefe de família, mas achou que ele não iria dá jeito não amiga, a gente via a hora de chegar a noticia que ele estava morto, sabe por quê? Por que quando ele bebia ele ficava abusado, ele passava a mão nas pessoas, ele levava muita porrada, teve uma vez que ele chegou todo arrebetado, quando eu via ele eu chorei, mas hoje é um cidadão lindo, trabalhador, não está nem mais aqui, foi para a Bahia.

NKF: Tiveram muitas mudanças nessa época como você falou a questão da religião, a mudança no baile, e a vizinhança também né?

MJS: A vizinhança ficou fieis as mesmas até quase elas irem embora, você acredita? Olha o Verinho de frente a minha casa eles morreram a gente ainda estava ali, a dona Maria do lado da minha casa, que era amiga da minha mãe ainda estava ali, a dona Maria de baixo quando morreu a gente ainda estava ali, afinada Tita morreu e a gente ainda estava ali, e o ultimo que morreu só eu que não estava mais, ficou uma coisa que todos permanecerem ali de boa, e ficou ali e viveu bem, porque eu moraria ali, eu não moro aqui por causa de luxo não, eu gosto de morar aonde a gente está bem, aonde tem respeito, é claro que eu tenho respeito eu entro ali sem problemas entendeu? Minhas vezes eu lembro que quando eu chegava da faculdade, eu vinha com os cadernos, e daqui a pouco eu escutava passos atrás de mim quando eu olhava assim, era policia me fazendo escudo comigo, ele falava assim “Continua” e eu: “Continua nada moço, você não vai ficar atrás de mim!” ai eu sai, entendeu? Porque eu moro ali, mas eu também tenho respeito, eu já estudava, eu já trabalhava, eu já tinha conhecimento dos meus direitos, então você acompanha muita coisa, você muita coisa ali, muitos morrerem, mas eu tenho amigos meus que hoje tem um que é pastor, que é o Ronaldo, é da minha época, porque teve algumas gentes que foram exceção.

NKF: Você acha que hoje em dia está mais tranquilo?

MJS: Eu não sei te dizer não, porque que eu acho que antigamente era mais tranquilo, porque antigamente eu não sei se ainda existe isso, antigamente qualquer pessoa eu fizesse qualquer maldade ali, eles puniam de alguma forma eu também não sei como é porque eu não tenho conhecimento disso, hoje em dia as comunidades recebem muitas pessoas de fora e eles não respeitam ninguém não, eles só pensam no bem estar deles, antigamente não, antigamente eles respeitavam, imagina um cara do morro fazer festa dos dias dos pais, do dia das mães eles faziam, eles mesmos bancavam porque estavam tranquilos, tipo dá presente, ao mesmo tempo em que eles davam presente para os pais, eles acariciavam os filhos né, era uma faca de dois gumes, mas a gente gostava de ir lá receber os presentes.

NKF: Eles acabavam sendo bons para a comunidade né?

MJS: Não faziam nada não, ninguém roubava na comunidade, eu chegava da faculdade a hora que tinha que chegar, chegava do baile com as minhas amigas, e nada aconteciam.

NKF: Tinham muitas operações policiais? Tinham muitas trocas?

MJS: Eu acho que as operações tinham, tinham bastantes, mas as operações policiais só quando, por exemplo, houve um roubo grande ai em uma loja maçônica, ai eles iam às faculdades próximas aqui para saber quem fez isso, quem roubou? Quem fez isso? Eles já iam naquelas estrategicamente para fazer as operações, quando era roubo, carga de carros, essas coisas, agora que tem essas coisas porque antigamente não tinha roubo de cargas não.

NKF: Você pensava em sair de lá da Vila quando era mais nova? Tinha esse objetivo?

MJS: Não, me deixa ser sincera, a gente quando é mais nova a gente é vaidosa né, mesmo que não falasse né, a gente quer se sentir uma princesa, não quer morar em uma favela. Eu tinha, ou sair de lá ou morar em uma boa casa lá mesmo em uma boa casa, o lugar em si não me deixava com medo não, nem a bandidagem, apesar disso, não me deixava não, até porque eu não tinha mais aquela preocupação de tomar conta do meu irmão, se iria pegar droga ou não, com filhos, então não tinha, talvez se eu tivesse filhos eu não iria querer ficar não, pensando na criação do meu filho.

NKF: E a casa? Também porque todos moravam juntos né, mesmo ela sendo grande né?

MJS: Todo mundo juntos, hoje mora a minha irmã que nem está lá que agora está em Rondônia foi visitar o filho que teve neném, a Cecilia essa que eu falei que era mais brigona, então ela está em Rondônia, essa semana ela me ligou e me falou assim “Em março estou voltando” então tá bom, ela morou lá, depois que a minha mãe morreu eu não tive coragem de voltar na casa dela, porque é uma lembrança muito ruim, de eu acostumada lá cuidando dela e trazer aquilo pra mim à tona... Eu sou pessoa que eu encaro muitos problemas de frente, eu encaro estrategicamente, eu fujo dele, se eu puder evitar a tristeza, eu não vou pagar para sofrer entendeu? Se for uma coisa que não vai me dá alegria eu prefiro não ir.

NKF: A senhora saiu de lá com quantos anos mais ou menos?

MJS: Eu acho que com uns 40 anos, eu vivi muito ali.

NKF: Tem muitas memórias do lugar né?

MJS: Sim, eu conheço todo mundo ali, se você falar assim “Conhece a Martinha? A filha da Dona Jane?” Todo mundo vai conhecer, vão elogiar dizendo: “Martinha corre atrás, Martinha é isso é aquilo” ou vão falar “Martinha é bonita” ou qualquer outra coisa, graças a Deus não vai ter nada negativo ao meu respeito.

NKF: É assim né, algumas pessoas amam e outras pessoas não gostam...

MJS: Sim, é verdade, é muito natural, mas eu sempre fui uma pessoa que como eu te falei, eu não brigo com ninguém, eu procuro agradar ao máximo e incomodar ao mínimo, então vamos supor, eu trabalho na prefeitura a muitos anos a 43 anos, também trabalhei em muita mutação, você encara muitos colegas, as pessoas tem aquela preocupação de cargo que você vai tomar o lugar, aquelas coisas, então quando eu percebia insegurança de alguém, ou quando aquela pessoa não estava sendo leal comigo, eu já percebia no olhar ou com uma visão estratégica de olhar pra você e saber se você está olhando com o olhar bom ou ruim, isso é inato meu, e eu já vou me afastando daquela pessoa mas na maior educação possível, eu trato melhor ainda “Olá querida, bom dia!” “Oi Martinha, vamos almoçar hoje?” “Poxa, hoje não posso não amiga que eu vou ter que fazer uma coisa” mas eu vou me afastando, quando a pessoa for vê, nem percebe que eu sai da vida dela, entendeu? Então, eu sempre procurei não

contrariar as pessoas, “Marta a fulana falou mal de você, falou isso e isso” “Ah, coitada sabe o que é? Eu devo ser isso mesmo, porque às vezes eu passo essa visão de metida, depois eu tento reverter esse quadro, ela deve está certa” eu nunca falo: “Ah é falou?! Eu vou falar” Não, nunca faço, “Se ela falou isso, ela deve ter essa visão, eu vou tentar mudar isso aí”, mas invés de mudar eu me afasto.

NKF: Antes a senhora estava falando a questão da prefeitura né que trabalha, tem muitas vivencias também né?

MJS: Sim, muitas e muitas.

NKF: Mas antes a senhora trabalhou com alguma coisa? Na Vila ou fora da Vila?

MJS: Trabalhei naquela fabricazinha de calça ali na Praça Humaitá, eu colocava esse negócio de calça, eu me lembro de que era 7h eu chegava 6h e saia 17h eu sempre saia às 18h, eu fazia duas horas de horas extras, eu chegava com os meus pés muito inchado, ai eu fiquei ali, minha amiga, eu ganhava um envelopezinho amarelo assim, meu pagamento no final do mês eu ficava tão feliz, eu ficava na praça olhando meu envelope, feliz da vida com aquele dinheiro que eu iria poder ajudar a minha mãe, eu trabalhava na praça, e ai quando eu chegava em casa eu pagava as contas ajudava nas coisas, porque a minha mãe as vezes não tinha muito cuidado com dinheiro não, minha mãe gostava muito de comprar as coisas na porta, e ela tinha um descontrole financeiro, não vou dizer pra você que eu não tenha também, as vezes eu vou no shopping e dou uma exagerada, mas eu falava que isso eu puxei da minha mãe de gastar, eu dizia “Eu vou me controlar!” ai o que aconteceu: eu recebendo esse envelope e fiquei feliz da vida, eu já estava entrando no curso para aprender a fazer aquela costura reta que ganhava mais, mas ai bateu um sindicatos dos trabalhadores lá e tirou todos os menores, não podia trabalhar menos porque era trabalho escravo, e me mandaram embora, meninas eles me pagaram mas eu chorei tanto que eu sai daquele trabalho ali, foi ali que depois eu consegui na prefeitura, graças a Deus.

NKF: A senhora tinha quantos anos quando começou a trabalhar nessa fábrica?

MJS: Eu acho que 16 anos, o nome era “Storm” quando eu recebia aquele envelopezinho da Storm minha filha, eu ficava louca!

NKF: Engraçado que a história está lembrando até a história da minha mãe também que trabalhou em fábrica, você vai contando e a gente vai lembrando né...

MJS: Sim, a gente vai puxando os fios né...

NKF: É uma questão também social né.

MJS: Se você pedir para contar tudo sozinho não, mas se você for perguntando vai puxando os fios.

NKF: Vai relembando as memórias...

MJS: Sim, sim.

NKF: Na prefeitura você fez muitas amizades?

MJS: Na prefeitura é uma história louca, eu sempre conquistei todo mundo, eu aprendi tudo, eu procurava a aprender tudo, na prefeitura eu comecei nos arquivos eu dava conta, quando as pessoas procuravam, eu já vi as pessoas eu sabia de cor, eu dizia onde estava o processo, os arquivos, tudo. Depois eu fui ser secretária do procurador geral, eu fui trabalhar em uma procuradoria, ai chegou lá eu procurei a fazer aquele ofício aquelas coisas todas, era máquina ainda, depois que veio a informática, eu tive que me adaptar na informática, eu até falei com ela.

NKF: Era datilografia né?

MJS: Sim, um pouquinho, não tinha curso não porque eu não me adaptei naquele negócio tampado eu não me adaptei, eu errava aquilo tudo, mas eu tive que aprender porque logo que comecei a estudar eu comecei a fazer os meus trabalhos na máquina, eles me deixavam fazer os meus trabalhos, monografias tudo para o meu colégio, eu fazia o meu trabalho lá, mas depois eu aprendi a trabalhar na corregedoria eu trabalhava em uma secretária de saúde, depois eu trabalhei em uma corregedoria no Rio e fiquei na defensoria pública, eu tenho muita bagagem profissional, tanto de corregedoria pública, as pessoas às vezes chegam lá no trabalho e falo assim “Ah, eu preciso resolver isso assim e assim” eu falo “manda para a defensoria que eles atendem medicamentos” “Ah, Marta eu não estou conseguindo uma vaga

no hospital tal” “Hoje é sábado, vai lá ao plantão judiciário, que hoje tem plantão judiciário para atender” então eu fiquei com tanta bagagem que eu direciono as pessoas, ai fui trabalhar na secretária de habitação, dai vim entender tudo de terra: moradia, assentamento fundiário, a gente fazia muito assentamento, ajudei muita gente, a pessoas falavam assim “Eu tenho minha casinha, graças e Deus e depois a Marta que me ajudou muito” porque eu cheguei à Caixa Econômica, depois que eles fizeram a primeira casa e minha vida, eles fizeram a reunião com a gente com a secretária de habitação e eu anotando tudo, eles falaram “a gente tem que vê o subsidio que a pessoa tem, para depois vê o que a pessoa pode pagar, o que sobra se a pessoa vai poder pagar com que sobra aquela mensalidade, dai a gente vê se reprova ou não” depois que o menino terminou a reunião eu falei assim: “agora você me diz o que que reprova?” dai eu anotei tudo que reprova nos processos de acesso a casa, tá bom, “Marta, eu quero fazer inscrição para casa” eu falava “Você vai fazer isso, isso e isso” todo mundo que eu orientava era aprovado na Caixa, ai eu colega meu falou assim “Dona Marta, eu não vou poder mentir isso que a senhora está me dizendo, porque o meu filho estuda em escola particular, e eu tenho mais de um cartão de crédito, eu não vou poder mentir” dai eu falei assim “Então, você vai ficar sem a sua casa” todos os colegas dele conseguiram a casa ele falou “Dona Marta, eu fui reprovado, eu já perdi permissão a Deus, eu vou mentir, a senhora me ensina de novo?”“, eu orientava e ele conseguiu a casa, entendeu? “Eu não tenho a renda o suficiente” “Sua esposa trabalha em casa de família”? - Sim!”“ Então você pode uma declaração à patroa dela, da renda informal dela, você junta com a sua, e você vai fazer a chamada “renda informal e você vai bater com que a Caixa está solicitando” eu nunca incentivei a pessoa fraldar, mas eu trabalhar em conjunto. Por quê? Qual o momento que falei para ele não dizer que o filho não estuda em escola particular? Porque escola particular ele pode pagar, mas amanhã se ele ficar desempregado nem na escola particular ele vai estudar, então diz que o filho estuda em escola pública ué, se ele pode estudar em escola particular, ele vai somar o que vai sobrar? Nada! Não vai ter dinheiro para pagar o mínimo que é a prestação da casa, ai eu orientava nesse sentido, entendeu? Para que eles possam ter e adquirir os imóveis deles, quando foi assentamento fundiários que nós doamos, nós fizemos ali no pilar “Vamos fazer aquela terra devolutas? Vamos fazer os cadastramentos!” eu fazia o cadastramentos de todo mundo, “Ah, Dona Marta, eu estou pagando um dinheirão de aluguel, arranja lá aquele terreno pra mim?” “Olha só, o terreno quando conseguir, você entra e mora, constrói e mora, senão, eu não vou conseguir o terreno, pois terreno não é pra ficar murado, se ficar murado a gente vai passar para outra pessoa” dai a gente murava e dava e eles conseguiam a casinha deles, eles ficavam todos felizes da vida, a gente fez isso ali em Santa Lúcia, fizemos no Pilar, então eu trabalhei

com assentamento fundiário o que eu consegui ajudar a população, mesmo com um programa parecido com o da Vila Operária eu consegui fechar dentro de uma parte original que era a prefeitura e a Caixa Econômica.

LCB: Nessa época você chegou a conhecer o Tenório?

MJS: Tenório Cavalcante... Eu consegui o Tenório sim, me lembro de vagamente, porque ele era muito velhinho, e eu era muito novinha, mas eu me lembro dos filhos dele, me lembro do Tenórinho, da Maria Helena filha dele, do próprio Idec genro dele, prefeito e genro.

NKF: Qual a relação, você falou acerca da moradia, da habitação, você trabalhou com isso, então qual é esse sentimento assim de moradia, propriedade que a senhora têm? Quando vem essa palavra? E com a história da sua vida também, o que a senhora pensa e sente em relação à propriedade, de ter uma casa, a moradia, essas coisas?

MJS: A minha mãe, ele dizia uma coisa pra gente, quando nós éramos pequenos, ela falava assim: “Nós temos que ter aonde cair morta porque ninguém que gosta da gente vai poder para fora à hora que quer não, eu já fui muito enxotada da casa dos outros” a minha mãe falando pra mim, para os meus irmãos até eu ter a minha casa, então você precisam ter a casa de vocês para que ninguém coloque vocês para fora de lá, não pode pagar? Não é seu “Tá passando fome”? ”Vai capinar um terreno, vai conseguir pelo menos pão para comer”, mas a sua casa vai te abrigar do sol, vai te abrigar dos perigos da vida. Então, eu acho que casa, a moradia é importante para fundar uma família, para dá segurança para a família, e para a pessoa, e sempre incentivando eu não sei se é porque eu morava na minha mãe, e ela fazia aquelas casas ali, então sempre incentivar que a pessoa tenha sua própria casa que não precisa ser junto, para não gerar conflito, como conflitos de família, porque a família quando é todo mundo junto acaba rolando conflito, sabe como começa a surgir conflito familiar? Quando você começa a ter um cunhado ou uma cunhada que vai morar com você, então quando você tem um cunhado e uma cunhada ou um sobrinho, são pensamentos diferentes, não está ali com pensamentos de vivências dos irmãos, então se tiver nas próprias casas deles isso é fundamental, então não vai gerar conflito, não gerando conflito, você que mora ali que deu a casa, você não vai se emburrecer, você não vai sofrer porque fulano está brigando com ciclano por causa de uma luz, por causa de água ou um pedaço de qualquer outra coisa, entendeu? Porque a residência gera muito conflito.

NKF: Conforme os irmãos foram casando, foi construindo algo em cima? Ou no mesmo terreno?

MJS: Foi assim: o meu irmão construiu em cima e foi morar, o mais velho, foi o primeiro que construiu ai casou ai depois o meu outro irmão casou também e construiu do lado com uma meia água, mas ali eu vi surgir os problemas de água, de ligar de cisterna, depois o meu outro irmão mais acima, ai hoje são cinco casas pequenas lá, mal acabadas, mas tem tudo no mesmo terreno, e que pior ainda são mal estruturadas que não tem uma saída própria, que não tem uma coisa então gera um conflito muito maior. Quando eu me casei, o meu irmão não estava mais lá já tinha a casa dele, a minha mãe sempre foi a minha fã, ela sempre gostou muito de mim, e ela tinha uma admiração especial por mim, pela minha luta, pois ela dizia que eu era parecida com ela, então minha mãe queria que eu fosse morar lá nessa casa em cima dela, porque eu iria ficar pertinho dela, mas eu falei “Mãe, eu não consigo conviver com erros” eu não consigo conviver, por exemplo, “A senhora mora aqui embaixo? Fulano mora em cima! A lixeira da menina de cima está na sua porta, isso eu não aceito” entendeu? “Eu não aceito que a pessoa está sem água e a senhora que precisa ir lá ligar a bomba” então são uns probleminhas que surgem de moradias, detalhes pequenos que ele fica grande, vira uma bola de neve, um conflito muito grande.

NKF: A senhora se lembra da história da sua mãe? A participação dela na Vila, a luta dela, essas coisas...

MJS: Minha mãe, eu vou te contar, ele ajuda Deus e o mundo! Era com remédio, ela levava para o hospital, ela colocava para dentro de casa se o pessoal brigasse, eu lembro que tinha um bêbado lá, o finado da Dona Alice, ela ficava doente minha mãe falava “Fica lá não, ele vai te bater quando chegar, porque está bêbado” e eles ficavam tudo lá em cada, tudo junto, é disso que estou te falando homem e mulher era tudo junto, não tinha esse negócio, dormia o monte de gente ali, a gente fazia muita comida para todo mundo “Come arroz e feijão com farinha” o que tivesse comia.

NKF: Ela ajudava muita gente né?

MJS: Minha mãe ajudou muita gente mesmo!

LCB: Ela era querida ali pelos vizinhos?

MJS: Olha, minha mãe era muito querida! Muito, muito e muito. Muito até! O pessoal fala: “Ah, Dona Jane, Dona Jane!”, mas aquele pessoal que gostava da minha mãe antigamente a maioria morreram, os jovens que era mais desordeiro talvez não gostasse tanto, porque a minha mãe era meio implicante com negócio de patinete, algumas coisas, mas a minha mãe era muito querida por todos ali. A documentação a minha mãe ajudava a tirar, hospital a minha mãe ajudava a levar, tinha uma moça que ela estava passando mal, uma vizinha minha e eu falava “Mãe, fulana tá aqui passando mal, vomitando sangue” ela dizia “trás ela para cá que eu vou arrumar uma vaga pra ela” ela foi ao eu colo, e ela vomitou aquele sangue no meu colo todo, os médicos a mandaram tomar vários remédios porque a mulher estava com um nível de tuberculose muito grande, minha mãe não queria saber, ela queria só ajudar, ela ajudou muito mesmo, ela foi uma guerreira grande, uma mulher que criou os filhos, eu dizia para ela “Mãe, a senhora é a mulher mais feliz do mundo, só que a senhora as vezes não tem conhecimento disso” eu sei que felicidade dúvida muito, mas olha só, nenhum filho na cadeia, nenhum filho drogado, nenhum viciado, nenhum roubando, todos com as suas famílias, como pobre, mas vivendo como chefe de família, então hoje em dia tem gente que tem dois e três filhos e moram em um lugar chique e as mulheres estão doentes com negocio de droga, doentes com vicio e agressões dentro de casa, isso independente de ser homem ou ser mulher, hoje não importa, antigamente era só homem, hoje é homem e mulher...

NKF: A questão da violência doméstica também, né? Os casais eram muitos novos na Vila?

MJS: Não, novos não, mas era comum, era comum pai bater em mãe isso era muito comum, não havia represaria pra isso, entendeu?

NKF: Ninguém se metia né?

MJS: Não, não. Só por exemplo, tinha um vizinho meu que gostava de quebrar tudo dentro de casa, ai sim os bandidos interrompiam e dava uma surra nele, eles falavam “Vou dá uma surra nele, é o que posso fazer porque depois a senhora vai colocar ele dentro de casa de novo”.

NKF: Não era a associação que interviam? Nessa época já não tinha mais?

MJS: Existia sim, mas a associação não interviam, e detalhe, essas coisas eram muito comum e associação não vai intervir em coisas corriqueiras, coisas comuns. Ela não pode intervir em uma briga familiar, a associação era quando uma pessoa estava passando mal ela ligava e colocava na ambulância, entendeu? Até tentava apaziguar, mas está batendo em quadro paredes, como é que vai vê?

NKF: Sim, era dentro de casa né, também se fosse na rua né?

MJS: Sim, só quando era escandalosa, a maioria é tudo silencioso, as violências são silenciosas né...

NKF: Quando a senhora começou a sair de Duque de Caxias, foi devido ao trabalho? Ir para o Rio, conhecer o Rio.

MJS: Não, eu trabalhei no Rio, antes de trabalhar lá eu sai de Caxias, ai na prefeitura mesmo eu conheci o meu marido, meu marido não é de Caxias, ele é de pilares, dai depois eu fui morar no apartamento do meu marido lá em Pilares, no apartamento dele, dai foi quando realmente eu sai de Caxias, foi até doloroso sair de casa, eu fui botando as coisas sem a minha mãe perceber que eu estava indo, porque eu morava ali com ela né, então eu dizia “Leva isso, dai eu botava no carro, leva aquilo” “Mãe, hoje não vou dormir aqui não” eu tive que ir aos poucos porque minha mãe tinha um apego muito grande comigo, então para mim se mudar foi um pouco difícil, eu tive que ir aos poucos, quando ela viu, ela falei “Mãe, hoje eu vou levar a senhora para vê nosso apartamento, dai eu levei” ela passou a ficar indo lá, então ela foi aceitando mais, dai dormia lá e ficou lá, ai eu conheci o Rio, morei no Rio e depois fui trabalhar na corregedoria do Rio, na Marechal Câmara, trabalhei lá na 4º vara criminal e depois cheguei na corregedoria porque o meu chefe da 4º vara foi nomeado lá, dai ele falou: “Bora, comigo! Lá vai ganhar mais um pouquinho” onde tinha dinheiro eu sempre fui assim, onde tem dinheiro lá estou eu, hoje eu estou muito bem na Secretário de Segurança mas se alguém falar assim: “Vem para Defesa Civil que aqui paga mais” eu vou dizer “Amigos, eu adoro vocês, mas eu vou para lá, porque lá paga mais um dinheirinho” mas eu conheci o Rio quando morei lá, mas eu vou ser sincera eu ficava do trabalho para casa, da casa para o trabalho, mas se você falar muitas coisa do Rio eu não conheço não, muitas coisas não.

NKF: Já era um pouco mais velha né, quando começou...

MJS: Sim, já era tudo mais velha, pra mim começou tudo mais tarde, tudo muito tarde, eu casei tarde, tudo tarde.

NKF: Cada pessoa tem o seu tempo né? Cada pessoa vive no seu tempo.

MJS: Era porque naquela época não tinha condições de ser antes né, talvez se eu tivesse uma vida mais comum, uma vida que o meu pai trabalhasse, a minha mãe, a minha vida social em casa talvez eu já tivesse me formado cedo, talvez a minha trajetória fosse diferente, talvez não fosse essa pessoa boa que hoje eu sou com tanta experiência de conseguir resolver as coisas no auto escuto, talvez eu fosse uma pessoa egoísta porque não passei dificuldade, não sei...

NKF: A senhora se lembra do Genack Chadrycky?

MJS: Eu não me lembro da pessoa, mas eu me lembro desse nome, porque até iriam colocar o nome da comunidade com esse nome, não sei se era o dono de lá ou quem era, mas eu me lembro de que era uma pessoa influente lá na comunidade.

NKF: Mas alguma coisa? Vocês querem perguntar?

LCB: Na época que eu entrevistei a sua mãe ela falava que estava com uma filha, mas ela não falava quem era a filha, um documento da casa para a gente colocar no documentário, que é a única casa que tem registro.

MJS: Então, a nossa escritura, porque minha mãe faleceu e eu não fiquei com ela, não fiquei... Estava com o meu irmão que é advogado, mas o meu irmão já falou que não tem mais interesse na casa porque a gente está abrindo mão da casa para os outros irmãos né, o meu irmão me perguntou se eu tinha interesse na casa, e eu falei que “Não” até porque somos dez irmãos, se for botar aquilo não vai dá nada, eu falei: “vê quem tem necessidade e eu abro mão da minha parte” vamos supor vocês vão vender por 200mil, eu também não quero dinheiro, eu abro mão da minha parte, divide entre vocês, se tem dez divide entre nove, ai meu irmão “ah, eu também não quero” já somos oito, a minha irmã que ficou morando lá eu falei para ela “Cecilia, você vê com os outros irmãos quem quer abrir mão da casa, quem quer para você ficar com essa casa para você ou quem vai ficar” porque quem ficar com a casa vai ter direito,

mas quem ficar vai ter deveres também, entendeu? Porque com essa chuvarada que deu aí, uma amiga me falou assim “ah, a vizinho tá reclamando que está chovendo lá” eu perguntei: “Quem está morando lá?” “Fulana” eu falei “Cecilia, você precisa consertar isso”, ela falou que a casa é de todo mundo, eu falei para ela “Se você ficar com esse pensamento a casa vai cair e não vai pertencer a ninguém, e se ela cair ela não vai me afetar porque eu já não queria mesmo. Então, não é melhor que vocês cuidem para que vocês tenham?” eu sou assim, eu não brigo, eu vou conversando, eu falei assim “Vê direitinho, faz o seguinte já que você não quer consertar sem nenhum respaldo, eu assino qualquer documento abrindo mão e você, o Jorge falou que também abre mão, vê quem abre mão e assina, e quem não abrir você diz que vai precisar entrar com as obras”. Pronto! “Você já resolve com o advogado, mas não resolve de boca não, porque essas coisas de família não se resolvem de boca, se resolve dentro da lei”.

LCB: Você tem fotos da época da sua infância? Da casa?

MJS: Então, eu acho que a única pessoa que vai ter essas fotos eu acho que é a minha irmã de Santa Cruz, quando vocês forem lá, eu até vou com vocês, a minha irmã deve ter.

LCB: Então quando a gente marcar pra voltar lá, eu vou agilizar.

MJS: A minha irmã guarda muito essas coisas de foto, e quando a minha mãe morreu quem levou tudo da casa da minha irmã foi ela. Então, ela deve ter alguma coisa lá, não sei se ela jogou fora o que ela fez, mas foto ela gosta muito.

LCB: A Dona Dejanira chegou a ceder fotos da época da Vila Operária, algumas coisas, tinha outras que era falou que iria procurar depois.

MJS: A minha irmã deve ter lá com ela porque a gente não estava mais em casa, então ela levou tudo e a escritura chegou a ficar com o meu irmão, mas eu acho que ele já devolveu para uma irmã minha para ela, ele falou “Quero nem escritura, pode vim pegar, o que vocês decidirem eu não vou nem correr atrás”.

LCB: Porque para questão de documentário, como é uma casa histórica, porque ela tem escritura, daí a gente colocar isso no documentário é muito importante.

MJS: Ela tem tudo, até a assinatura do dono, ela é registrada.

LCB: Isso pra gente seria importante.

MJS: Muito importante, ela é blindada porque ela não é título de propriedade, ela é escritura mesmo.

NKF: Tem uma perguntinha que me veio agora na mente, muitas vezes as pessoas tem certo preconceito, pois falavam: “Ah, moram na favela, moram na baixada” a senhora já passou por esse tipo de preconceito, da pessoa querer desfazer ou olhar diferente porque mora na baixada ou mora na favela?

MJS: Já sim, quando na época eu já trabalhando na prefeitura, quando eu ganhava carona, as pessoas falavam: “Ué você mora aqui?” eu dizia: “Sim, eu moro” e no colégio também, na faculdade também, quando eu saía da faculdade as pessoas falavam assim: “Não marca trabalho na casa da Marta não” eles não queriam entrar lá e fazer trabalho na minha casa.

NKF: Sua faculdade era aqui ou no Rio?

MJS: Era da Feuduc, falavam: “Não marcam trabalho não na casa da Marta não” eu acho preconceito, eles falavam que era medo, eu acho que é preconceito.

NKF: É preconceito mesmo.

MJS: E também quando eu chegava à casa das minhas colegas, elas falavam assim: “Ah Martinha dorme lá em casa” eu falava: “Dorme você na minha casa” eu construí em cima da casa da minha mãe, porque meu irmão saiu e deixou, e eu só dei uma melhorada, minha casa lá tem até ar condicionado, elas falavam assim: “Lá não”.

LCB: Para concluir a entrevista, se você fosse falar qual o legado da Dona Dejanira e do seu Barbosa para a Vila Operária, qual foi a importância?

MJS: A importância total tanto da minha mãe quanto dele: moradia, respeito social, tudo isso ela deixou implantado lá, principalmente a disciplina, minha mãe era muito disciplinada, eu

tinha essa coisa com a disciplina, e ele porque ele beneficiou muita gente ali, não foi como eu desejei na família, mas lá fora ele era um excelente profissional, doava até cesta básica para as pessoas, a gente até passava dificuldade, mas os outros não.

LCB: Mas alguma pergunta?

NKF: Eu agradeço a entrevista pela abertura também, é isso.